

Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD

Some didactical remarks on dialogical discourse analysis – ADD

Adail Sobral*
Karina Giacomelli**

RESUMO: Pretendemos, com este artigo, apresentar didaticamente as especificidades da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD), de Bakhtin e o Círculo, a fim de oferecer a novos leitores, e a quantos queiram abordar as propostas bakhtinianas em ambiente acadêmico, uma síntese dos principais tópicos referentes a essa corrente de estudos. Esse objetivo didático justifica o fato de o texto estruturar-se em temas que julgamos mais imediatos para a compreensão dessa teoria, como dialogismo, gênero, interação e enunciado. Também, por se tratar de um texto introdutório, buscamos uma leitura mais fluida, não indicando especificamente em que obra(s) os tópicos abordados estão presentes, uma vez que seria necessária a citação de vários deles a cada parte. Assim, caso o leitor queira aprofundar, optamos por indicar na bibliografia os textos dos quais se originam os tópicos considerados para a elaboração deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Bakhtin. Dialogismo: síntese didática. Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT: This paper intends to didactically describe the specificities of the so-called Dialogical Discourse Analysis, by Bakhtin and the Circle, aiming at offering to new readers and everyone wanting to approach Bakhtinian proposals in academic settings, a synthesis of the main topics present in this study perspective. This didactical goal justifies the fact of the text being organized according to themes we deemed more relevant for understanding the theory, such as dialogism, genre, interaction and utterance. In addition, as the text is an introductory one, we tried to propose a lighter reading by not indicating specific texts where each one of them is present, since this would require quoting many of them at every part. Thus, would the reader want to do a deeper study, we preferred to indicate in the References all texts where topics approached in this paper have appeared.

KEYWORDS: Dialogism. Bakhtin; Dialogism: a didactical synthesis. Dialogical Discourse Analysis.

1. Introdução

De que maneira, no seio da unidade da construção artística, a presença material direta da obra, seu aqui e agora, se combina com as infinitas possibilidades de seu sentido ideológico?... Que elemento une de fato a presença material da obra e seu sentido?... Esse elemento é a nosso ver a avaliação social.
MEDVEDEV

* Doutor em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pelo LAEL – PUC/SP. Professor Adjunto do PPGL/UCPEL. Coordenador do Grupo de Pesquisa LEAL (CNPq).

** Doutora em Letras pela UFSM. Professora Adjunta do CLC/UFPEL; Membro do Grupo de Pesquisa LEAL (CNPq).

Este texto tem como motivação a lacuna, sentida pelos autores, em suas aulas na graduação e na pós-graduação em Letras, de uma introdução didática sobre a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Há, naturalmente, vários livros introdutórios competentes, mas, de modo geral, é grande a dificuldade de levar os alunos a ler todo um livro sobre uma dada teoria, ainda mais em disciplinas de introdução à linguística ou sobre análises do discurso. Faltava, ao ver dos autores, um texto didático, curto e sintético, que servisse de roteiro para a ulterior leitura de textos que abordem os tópicos mais relevantes da ADD.

Para criar esse roteiro, destacamos no texto conceitos fundamentais, interrelacionados, para o entendimento do dialogismo: enunciado, interação, signo ideológico e gêneros do discurso. Seguimos essa ordem pelo fato de haver, em nossa experiência didática, a necessidade de começar pela definição da unidade de análise, mostrar que esta é usada na enunciação, que a enunciação ocorre em interações, que estas se realizam por meio de enunciados que contêm signos (ideológicos) e que esses enunciados são usados segundo os gêneros do discurso. Em resumo:

1. O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD, porque os sujeitos falam usando enunciados.
2. Os enunciados são usados pelos sujeitos na interação, que é a base das relações dialógicas.
3. Na interação, usando enunciados, os locutores recorrem a signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de marcados por uma avaliação social;
4. Na interação, os locutores usam signos ideológicos em enunciados de acordo com os gêneros do discurso, definidos como formas relativamente estáveis de enunciados.

Explicados esses conceitos e sua inter-relação, descrevemos em seguida o dialogismo como teoria que os reúne e neles se baseia, fazendo uma espécie de síntese desses conceitos. Por fim, apresentamos brevemente alguns princípios de análise, tanto em termos da definição e escolha de objetos a serem analisados como dos passos para realizar a análise, a saber, descrição, análise, interpretação.

Os vários tipos das chamadas análises *de* discurso ou análises *do* discurso têm como objeto o discurso e não a língua em si. O discurso é uma unidade de análise que tem uma materialidade, o texto, falado ou escrito etc., e o texto usa a língua. Mas o discurso não se

confunde com o texto nem com a fala ou com a língua. O discurso usa a língua, falada ou escrita, e constrói textos. Assim, o discurso só pode ser entendido se soubermos, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, em que contexto, incluindo momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente (institucional, familiar, entre outros.).

Para a ADD, a língua tem *significação*, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, enquanto o discurso cria *sentido*, ou seja, faz as palavras e expressões da língua irem além dos significados registrados no dicionário e dizer coisas que somente o contexto mostra (o contexto sempre envolve um dado lugar e um dado momento, assim como um locutor se dirigindo a ao menos um interlocutor). Ninguém usa as mesmas palavras exatamente da mesma maneira em todas as situações, e cada qual, numa mesma situação, pode usá-las de maneira distinta a depender de seu projeto de dizer, aquilo que pretendem realizar ao dizer.

Quando se dirigem a seus interlocutores, os locutores procuram adaptar aquilo que dizem a, principalmente, duas coisas:

(1) as expectativas que esse(s) interlocutor(s) tem(têm) com relação a eles (o interlocutor é amigo, ou aluno ou professor do locutor), o que o interlocutor espera deles, ou acha que eles podem fazer sendo quem são; e

(2) o que querem fazer o interlocutor entender ao dizer o que dizem (ir fechar a janela; aceitar votar no candidato do locutor, por exemplo.).

Em outras palavras, a ADD entende que a linguagem tem dois componentes: o componente formal, que é a língua, que traz significações, aquelas do dicionário, e o componente discursivo, que é o discurso, ligado à enunciação e ao sentido, sendo este último produzido e não dado. Para a ADD, não se pode entender o discurso sem a língua, mas também não se pode entender o discurso, que é o uso da língua, sem levar em conta que a produção do enunciado (do discurso) vai além da língua e cria linguagem. A produção do enunciado/discurso cria uma união entre a significação das palavras e frases e o seu uso no discurso, e essa união, nos contextos, cria os sentidos do que é dito.

A língua permite produzir frases, que têm significações, e o discurso usa frases para criar enunciados, que podem ser entendidos como frases com autor, frases dirigidas a outras

peessoas por um locutor que procura adaptar o que diz ao contexto em que está falando. O locutor usa enunciados na interação (o contato com interlocutores), e a interação acontece em um contexto. É sempre bom ter em mente que o contexto inclui especialmente um tempo, um lugar (que não é só o ambiente físico, podendo ser a situação de produção, como, por exemplo, um bate papo, uma aula, depoimento), quem são os interlocutores envolvidos e quais as relações entre eles.

Mas isso não é tudo. Para a ADD, todo enunciado produzido dialoga com outros enunciados já ditos antes dele, tentando até mesmo responder a enunciados que não foram ditos, o que também é um diálogo. Esse diálogo pode acontecer de modo direto (por exemplo, quando o locutor usa uma frase de outro enunciado como em “Liberdade com responsabilidade”) ou indireto (quando, por exemplo, o locutor fala de algo que outro enunciado falou: “Todo regime de liberdade exige responsabilidade”).

No esforço de se adaptar ao outro para conseguir o que quer com seus enunciados, o locutor pode, por exemplo, dizer coisas com suavidade para alguém brabo, falar com intimidade com o amigo, dirigir-se com respeito com o chefe, a fim de evitar uma reação negativa do outro e conseguir dele o que pretende. Quando faz isso, o locutor meio que está respondendo ao que o outro poderia dizer/fazer, o que tenta prever a partir de sua experiência com enunciados dos outros: falar sem suavidade irrita e leva a uma agressão; tentar impor a vontade pode causar demissão, etc. Ele tenta prever também a partir daquilo que sabe do outro, de sua experiência com o outro: “Quando quero algo de x, sempre levo um presente e falo bem devagar”; “Para ter boa nota com o professor y, escrevo assim.”, etc.

2. O enunciado

O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD. Para a ADD, as palavras que usamos não são aquelas que vêm do dicionário, mas sim palavras que aprendemos a usar ao interagir com outras pessoas, de nossos pais a tantas outras pessoas que encontramos na vida. Aprendemos a usar a língua não nas gramáticas ou dicionários, e sim no intercâmbio verbal, no uso da linguagem, ao interagir com outras pessoas via linguagem. Criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados e usamos palavras e frases não como vindos de gramáticas ou dicionários, mas a partir de seu uso em enunciados concretos, reais, ditos por alguém em algum momento e lugar a alguém com uma dada intencionalidade, carregados de valor, de valoração.

Portanto, as palavras, antes de serem assimiladas e usadas por nós, são palavras alheias, palavras dos outros; depois, elas passam a ser como uma sociedade: meio nossas, meio dos outros, palavras próprias-alheias, sendo que só mais tarde elas se tornam palavras nossas. Isso mostra o que é dialógico: o fato de as palavras passarem a existir para cada um de nós no diálogo, na interação e de os enunciados conversarem inevitavelmente uns com os outros.

As frases, assim, têm *significação*, o que tem a ver com as partes repetíveis da língua (o sistema), que é uma das bases dos enunciados. Os enunciados, por sua vez, têm aquilo que a ADD chama de *tema*. A significação das palavras é mobilizada nos enunciados para produzir o tema dos enunciados. O tema se refere ao enunciado como um todo e não a partes dele. Assim, se uma pessoa diz a outra “Vá para o inferno!”, podemos entender a frase como frase de alguém que diz “Vá para o inferno!” a outra. Nesse caso, entendemos a frase, mas não podemos entender o tema só com isso. Há mais coisas envolvidas.

Só podemos entender o tema se soubermos como a pessoa disse “Vá para o inferno!”: como ofensa a alguém ou como brincadeira com alguém; se irritada com seu chefe e se demitindo; se ela simplesmente exclamou isso por se espantar com algo que lhe contaram; etc. Temos de saber onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito, ou seja, para além da frase simplesmente. A frase é da língua, e o enunciado é do discurso, sendo, portanto, mais do que frase. Logo, discurso envolve interação e não somente língua.

Um enunciado, para a ADD, tem três componentes: um componente ligado à referencialidade, um componente ligado à expressividade e um componente ligado à endereçabilidade. O componente referencial dá conta do fato de que o enunciado fala de alguma coisa do mundo, tanto concreto como o arroio quanto abstrata como a saudade. O componente expressivo dá conta da avaliação/valoração do locutor sobre esse referente: “Detesto esse arroio!”; “Ai que saudade!”. E o componente de endereçabilidade dá conta do fato de todo enunciado ser dirigido, endereçado a alguém.

Claro que:

- 1) não há referência (referencialidade) sem avaliação (expressividade), nem avaliação sem referência a um objeto do mundo (concreto ou abstrato);

2) não há expressividade sem o locutor considerar o outro a quem se dirige (endereçabilidade), assim como o locutor não pode se dirigir a um outro de modo não expressivo;

3) por fim, também não há referência sem que o locutor considere o outro a quem se dirige, assim como o locutor não pode se dirigir ao outro sem se referir a um objeto do mundo.

Vemos isso na figura a seguir, que demonstra que a relação entre expressividade, endereçabilidade e referencialidade é de interdependência:

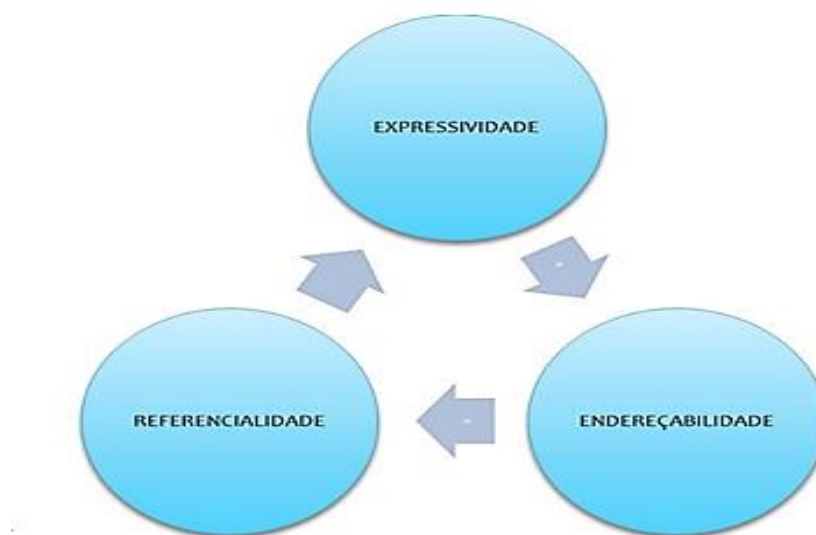


Figura 1. Os componentes do enunciado segundo a ADD.

Por outro lado, há três elementos envolvidos no todo orgânico do enunciado (o enunciado como todo de sentido) que devem ser levados em conta:

1. a exauribilidade do objeto e do sentido, isto é, a relativa conclusibilidade do objeto quando se torna tema de um enunciado, nos termos de uma ideia definida do locutor. Supõe-se que, com seu enunciado, o locutor tenha dito tudo o que queria dizer, ou ao menos tudo o que podia dizer;
2. o projeto de discurso, ou projeto enunciativo, do autor, ou seja, sua vontade de dizer, que é individual, mas não subjetiva, pois vem de um sujeito e se dirige a algum outro sujeito;

3. as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento. Trata-se daquilo que se espera de cada gênero do ponto de vista composicional. Por exemplo, uma charge pode trazer imagens e texto, em distintas combinações, mas em todos os casos tem de ser completa, ou seja, integrar o que mobiliza segundo seus fins, incluindo formas textuais típicas de outros gêneros.

3. Interação

Interação é um conceito da ADD que envolve vários níveis, sendo mais amplo do que outras definições de interação. A interação, ou intercâmbio verbal, é a própria base, raiz e fundamento do sentido, porque é nela que acontece a relação entre sujeitos, a interlocução. E é da interlocução que vem o sentido. Para a ADD, portanto, a interação não é só o que acontece aqui e agora: ela vai da conversa face a face à relação entre sujeitos de lugares distintos e mesmo de épocas distintas.

A interação como um acontecimento de fala no momento e no tempo em que ao menos dois interlocutores se dirigem um ao outro, denominada situação imediata de produção do discurso, não esgota a concepção de interação da ADD. Claro que é também esse momento, mas ela envolve bem mais do que apenas ele. A interação entre dois interlocutores envolve a sociedade e a história, ou seja, suas posições sociais ao longo do tempo, suas diferentes posições sociais (pai-filho, professora-aluno, chefe-chefiado, pessoa de classe alta ou baixa, por exemplo) e suas relações sociais, não apenas entre si no momento da interação, mas ao longo da vida, com outras pessoas, em diversos ambientes.

O nível do intercâmbio verbal no aqui e agora da presença dos interlocutores na interação é mais elementar, pois são apenas duas ou mais pessoas interagindo. Mas não sabemos quem são essas pessoas. Por isso, a ADD propõe o nível do contexto imediato, em que se conhecem os lugares (ou papéis) sociais dos interlocutores e a posição de um(ns) em relação ao(s) outro(s). Temos, depois, o nível do contexto social mediato, que envolve o domínio mais amplo das esferas de atividade (ambientes em que agimos socialmente), do tipo de lugar em que ocorre a interação (escola, “balada”, etc.) e das exigências que o lugar faz, num dado momento, aos participantes da interação. Trata-se do plano da organização social e histórica de uma dada sociedade, de suas subdivisões e de suas instituições formais (como a justiça ou a escola) ou informais (como a “balada” ou as redes sociais).

Vem, por fim, o nível do horizonte social e histórico mais amplo, que abrange a cultura em geral, as relações entre culturas, os grandes períodos da história, o espírito de época (Zeitgeist) e mesmo a relação entre diferentes espíritos de época, bem como épocas. A interação entre pessoas de duas gerações diferentes, de duas culturas diferentes, de duas tradições culturais diferentes não é a mesma que, por exemplo, pode haver entre pessoas da mesma idade ou da mesma família. Ler um texto escrito hoje não é o mesmo que ler esse texto daqui a 50 anos, porque cada leitura implica um contexto específico.

Para a ADD, como se pode perceber, a interação envolve não só a situação imediata como as situações mediatas, o histórico de interações dos interlocutores e as formas de interagir na sociedade ao longo da história. A interação refere-se, portanto, a todas as situações em que pessoas se dirigem a outras, mesmo a distância. Quando isso acontece, as pessoas se baseiam em todas as situações de interação que viveram, e elas tentam imaginar as reações dos outros e se antecipar a isso.

4. Signo ideológico

Para a ADD, os signos são ideológicos. Ideologia aqui não significa falsa consciência. Significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito.

Nenhum dizer é inocente, ingênuo, gratuito, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz (mesmo que a pessoa nem saiba que interesses são esses). Logo, nenhum enunciado é neutro no sentido de que todo enunciado é interessado, ou seja, é algo com que o locutor deseja realizar seu projeto de dizer, aquilo que ele quer que o outro aceite como bom, verdadeiro, correto, etc., a fim de fazer valer seus interesses. Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade.

Isso não é considerado algo errado. Pelo contrário: como todos, queiram ou não, têm seus interesses, tudo o que é dito mostra de que lugar cada um fala. Errado seria alguém dizer que é totalmente imparcial, neutro. Isso já seria uma posição não neutra sobre o que é neutro. A ADD afirma que todo enunciado revela a posição do locutor com relação ao interlocutor e ao assunto de que trata, que se traduz em uma avaliação ou valoração daquilo que cada um diz.

É importante lembrar que o locutor não avalia de modo autônomo, num ato de vontade independente, porque ele não vive sem os outros e porque ele se dirige aos outros. Assim, ele considera aquele(s) a quem se dirige, suas réplicas, passadas e possíveis, a situação em que estão para ver a melhor maneira de fazer a avaliação. E claro que ele nem sempre é bem-sucedido e, por isso, uma das coisas que mais se diz é: “Como assim? Em que sentido?”. Ou, antecipando a dificuldade, é comum dizer “No sentido de ...”; “Em termos de...”.

5. Os gêneros do discurso

A ADD sustenta que aprendemos a língua a partir dos gêneros. Os gêneros do discurso são definidas como formas relativamente estáveis de enunciados. Formas aqui não se confundem com formas linguísticas como, por exemplo, coordenação e subordinação, mas dizem respeito às maneiras de os interlocutores de dirigirem uns aos outros nas interações. Essas maneiras são estabelecidas em ambientes informais e formais chamados de esferas de atividade. Assim, fala-se de esfera midiática, esfera política, etc.

Para a concepção de gênero da ADD, não importa tanto o texto usado, e sim o que fazemos ao usar esse texto: brincar, repreender, dar ordens, etc. Podemos dar ordens, por exemplo, de várias maneiras: sugerindo, impondo ou ameaçando; porém, sempre estaremos dando uma ordem. Podemos fazer uma solicitação argumentando, apontando para dados, ou citando uma lei; mas, sempre estaremos fazendo uma solicitação. No entanto, não fazemos uma solicitação e damos uma ordem da mesma maneira; não exigimos e obedecemos da mesma maneira.

Há maneiras aceitas pelas sociedades de realizar diferentes formas de enunciados. Essas maneiras mudam ao longo do tempo e mesmo do espaço: reconhecer o erro rindo ao ser repreendido é, no Japão, sinal de respeito e, aqui, de deboche. Houve uma época em que marido e mulher se dirigiam ao outro dizendo “meu senhor” e “minha senhora”, e isso era aceito como normal. Hoje já não é – se as ouvirmos, não a veremos como uma forma de tratamento e pensaremos que se trata de uma brincadeira ou de um ataque. Professores e alunos tinham, há algum tempo, uma relação mais formal do que hoje, que implicava maneiras diferentes das usadas hoje para se dirigirem uns aos outros.

Essas maneiras todas são gêneros de discurso. Elas são estáveis até certo ponto, pois vão mudando ao longo do tempo. Alguns mudam pouco, como os formulários do Imposto de Renda, e outras mudam quase infinitamente, como as obras literárias. E há vários que se alteram

um pouco mais ou um pouco menos, a depender da situação. Por isso, são relativamente estáveis: os gêneros são estáveis até certo ponto.

Podemos identificar os gêneros discursivos por causa dessa relativa estabilidade. Ao longo do tempo, os locutores vão usando os gêneros e, aos poucos, vão mudando seus elementos, até que sua forma muda e eles se alteram, podendo, até mesmo, tornarem-se outros gêneros ou dar origem a gêneros distintos.

Não é seu texto em si que muda, embora isso também aconteça. Em geral, a espécie de texto pode permanecer a mesma e o gênero mudar. O e-mail, por exemplo, nasceu, no meio digital, a partir do gênero carta, de qual tem, hoje, elementos como destinador, destinatário e endereços. Seu texto não se alterou totalmente, mas ele deixou de ser o mesmo gênero porque a relação entre as pessoas é diferente: não se escrevia a quase qualquer pessoa como hoje por e-mail; a maneira de fazer chegar o texto mudou e assim por diante.

Os gêneros do discurso trazem em si os meios linguísticos de produção de sentidos. Eles não podem ser separados uns dos outros, porque são componentes do enunciado, indissociáveis: a *unidade temática*, o *estilo* e a *forma composicional*. A ADD não procura estabelecer isoladamente cada um desses elementos, mas os considera juntos para compreender o *tema* do enunciado como um todo, aquilo que o enunciado, para além da língua, cria em termos de sentido.

É o que se pode observar, por exemplo, em uma fábula como *O Lobo e o Cordeiro*.

O lobo e o cordeiro

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? Disse o monstro, arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo, e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — nhoc! -- sangrou-o no pescoço.

Contra a força não há argumentos.

Temos aqui um gênero conhecido como fábula. O texto se inicia com uma narrativa, que constitui seu tópico, ou assunto, mas termina com uma lição de moral, um enunciado que, por assim dizer, resume a história e indica seu tema, ou seja, aquilo de que quer falar, para além do texto da narrativa. O tópico da fábula serve para ilustrar uma situação à qual se aplica, indiretamente, a lição de moral. O texto começa com a narrativa de uma interação trágica entre um lobo e um cordeiro. Nosso conhecimento de mundo nos diz que lobos e cordeiros não falam. No entanto, o gênero fábula usa um recurso chamado personificação, e, assim, pode colocar um lobo e um cordeiro para conversar. Por outro lado, nada há de estranho em um lobo, animal predador, matar um cordeiro. Logo, esta narrativa não teria nenhuma relevância se não fosse parte de uma fábula, ou seja, se não constituísse, ao lado do enunciado de lição de moral, o gênero fábula.

A fábula em questão se organiza na forma da narrativa de um diálogo entre essas personagens. Mas poderia organizar-se de várias outras maneiras: sem diálogo, só com o diálogo ou outras ainda. Há um narrador, que, além de contar a história e descrever a situação, faz comentários para dar ao leitor pistas interpretativas (“horrendo aspecto”; “monstro”; “trêmulo de medo, respondeu com inocência”; “era verdade aquilo”; “inventou ele”; “Novamente confundido pela voz da inocência”, etc.). Essas pistas vão indicando ao leitor que

a personagem lobo é forte, ruim, arbitrária, e a personagem cordeiro, fraca, boa e inocente. Elas vão preparando o leitor para o enunciado final, a lição de moral, que completa a unidade temática do texto: o texto não fala dos conflitos entre lobos e cordeiros, embora este seja seu tópico; ele fala da violência humana, da lei do mais forte, do fato de que não adiantam argumentos consistentes se o outro usar a força.

Vemos assim que, no nível da língua, a fábula conta uma história, em geral com animais e resume a história com uma afirmativa sobre as coisas do mundo. No nível da linguagem, ou do sentido, a fábula apresenta com expressividade um juízo moral, ou seja, é um gênero cuja função é apresentar juízos morais. Todas as fábulas fazem isso, mas suas maneiras específicas de fazê-lo (forma de composição, tópico) variam de época para época, de autor para autor (que têm seus estilos), de país para país.

A relação enunciativa de uma fábula é a relação entre um pensador moral e um leitor não pensador a quem o sujeito pensador se dirige para instruir: a moral da história (que lembra as afirmações conhecidas como máximas) é um ensinamento de uma autoridade a não autoridades. Além, disso, o locutor, sujeito pensador, recorre a uma história simples porque não tem como interlocutores outros sujeitos pensadores, mas um público não pensador¹ que, ao ver do locutor, pode melhor entender a moral a partir da história, que é assim uma espécie de ilustração narrativa da lição moral. Assim, a relação é assimétrica. É a partir dessa assimetria que o locutor escolhe a forma de composição e a realiza, com seu estilo, para desenvolver seu tema com base em seu tópico.

Os componentes do gênero são, assim: a unidade temática, o estilo e a forma composicional. A *unidade temática* de um gênero é aquilo que ele diz e faz usando um texto. A unidade temática pode ser criada usando-se os mais diversos textos. Se queremos fazer um pedido para se abrir a porta em um lugar fechado, podemos dizer “Está bem quente aqui!”, “Que bafo!” ou “Vocês não sentem calor?”; contudo, o tema do enunciado é “Favor abrir a porta!” ou “Abre a porta?”. Claro que também se pode dizer “Favor abrir a porta!” ou “Abre a porta?”, mas o importante é perceber que o gênero é um pedido, mesmo que o texto possa ter todas essas possibilidades. Também temos de saber quem pode pedir a quem que abra a porta e em que tom a pessoa pode pedir

¹ A *Retórica*, de Aristóteles, apresenta o entimema e o exemplo como recursos para persuadir e destaca a fábula como um dos exemplos mais eficazes para explicar algo complexo.

A *forma composicional* é a maneira como desenvolvemos textualmente nosso tema: comentando (“Está bem quente aqui!”); exclamando (“Que bafo!”); interrogando (“Vocês não sentem calor?”); pedindo (“Abre a porta”); ou então combinando várias formas textuais (narrativa com diálogo e juízo moral; diálogo com trecho introdutório e trecho de resumo; trechos argumentativos com descrições; exemplo e quadros com legenda; e assim por diante.

Por fim, o *estilo* é a maneira como usamos a forma composicional para realizar o tema: comentário irritado ou enfático; exclamação de queixa; tentativa de envolver o interlocutor em meu problema.

Assim, realizamos o tema usando tópicos ou assuntos (o calor ambiente; muito calor, a ponto de exclamar; tanto calor que imponho aos outros que abram a porta), formas de composição (a maneira de criar os enunciados) e estilos distintos (proximidade, autoridade). Todos esses elementos estão ligados aos interlocutores a quem o locutor se dirige, bem como ao projeto de dizer do locutor, que é aquilo que ele espera conseguir dos interlocutores com o gênero.

Deve-se destacar que, em alguns gêneros, os textos são mais formulaicos (o formulário do Imposto de Renda, por exemplo), rígidos, sofrendo poucas alterações; em outros gêneros, os textos têm um grande grau de liberdade (a literatura). Em todos eles, há alterações ao longo do tempo e das situações e mesmo mudanças de pessoa para pessoa, a depender do caráter mais fluido ou mais rígido. Sem essas mudanças, haveria apenas fórmulas textuais, que seriam sempre repetidas em situações semelhantes. Contudo, na qualidade de dispositivos relativamente estáveis, os gêneros conservam certos aspectos, mas sempre se alteram a cada uso, porque os locutores, coenunciadores e contextos se alteram.

6. Dialogismo

A ADD, como análise dialógica do discurso, é chamada de dialogismo, embora essa palavra não exista com esse nome da teoria nas obras da ADD. Esse foi um nome dado por estudiosos dessa obra. Na verdade, a ADD afirma que os enunciados e os locutores entram em relações dialógicas uns com os outros. Logo, a expressão usada é *relações dialógicas*. Bakhtin diz que as frases não entram em relações dialógicas, mas os enunciados sim. Porque todo enunciado é uma resposta, ou melhor, réplica, a outros enunciados, sejam enunciados já ditos ou não ditos, mas possíveis como resposta/réplica.

A Análise Dialógica do Discurso é, assim, uma designação para uma proposta de teoria e análise do discurso também criada por estudiosos. Outro modo de falar dela é chamar de *teoria do Círculo de Bakhtin*, mesmo sabendo-se que Bakhtin não foi “dono” de um Círculo, mas um dos principais membros de um grupo de estudiosos da linguagem, da literatura e da filosofia da linguagem e da vida (dos seres humanos em sociedade). Também se chama de *teoria dialógica* ou *dialogismo de Bakhtin*.

Dialogismo designa hoje o fato de haver entre as pessoas entre si e entre seus enunciados relações dialógicas em que as palavras, que se repetem, servem aos enunciados, que não se repetem, mesmo que usem as mesmas palavras. Essas relações, portanto, não são as relações lógicas que podemos ver nas frases, mas relações menos previsíveis, criadas nos enunciados.

Elas ocorrem entre enunciados – que respondem, replicam a outros, aceitando, contestando, analisando, rejeitando, negando, atacando, etc. E também entre pessoas – que vão formando sua identidade em contato com outras pessoas e mudando ao longo do tempo de acordo com esses contatos, mesmo não passando a ser outras. Essas relações ocorrem em diálogos em que as falas dos participantes estão separadas, como em obras de literatura ou numa conversação oral gravada, por exemplo.

As relações dialógicas também ocorrem em textos nos quais não há essa marcação: um monólogo também responde a alguém. Por exemplo, se dizemos “Não faço isso nem morto.”, “isso” indica algo que alguém me propôs. Mesmo que não se diga quem ou o quê, sabe-se que se trata de uma resposta. Na verdade, o simples fato de falarmos “As coisas não são bem assim,” é uma resposta quem disse ou vier a dizer que as coisas são assim.

Para a ADD, por outro lado, não falamos nem ouvimos palavras e frases de ninguém, mas ouvimos verdades, mentiras, elogios, críticas, pedidos, ordens de pessoas que usam as palavras da língua. Não é por usar uma mesma palavra que duas pessoas estão dizendo a mesma coisa. Por isso, o que ouvimos ou lemos não vem do sistema linguístico por si só, mas é dito por alguém numa situação de enunciação.

As frases em si não podem responder umas às outras, porque elas não têm autor, não se dirigem a ninguém, não trazem um contexto e, por isso, podem significar muitas coisas que só o contexto mostra. O discurso/enunciado tem, assim, uma parte verbal e uma parte não verbal, contextual, sendo que, sem essa parte, não podemos entender a parte verbal.

Em outras palavras, só sabemos as coisas que as frases significam se conhecermos o contexto em que são usadas num enunciado. Por exemplo: se passamos num lugar desconhecido

e escutamos o enunciado “Ele veio?” dito por uma mulher, na porta de uma casa, a outra mulher, num tom de amizade, podemos entender imediatamente a frase usada, sem esforço, mas não posso entender o sentido do enunciado porque faltam dados para isso.

O que podemos entender? Podemos entender que uma mulher perguntou a uma amiga sua se um ser do sexo masculino (ele) foi (veio) à casa dessa amiga. Não sabemos quem é aquele que veio ou não nem que relação tem com a pessoa a quem se perguntou. Nem porque deveria ou não ter ido. Pode ser o filho, o marido, o pedreiro, qualquer pessoa do sexo masculino. Fora isso, não podemos entender o sentido de “Ele veio”.

Não sabemos também quem são as pessoas envolvidas, mesmo vendo que parecem amigas. Não sabemos quem é pessoa a quem se referem, exceto que é alguém do sexo masculino. Não sabemos se essa pessoa costuma vir frequente ou raramente. Não sabemos a relação entre a pessoa do sexo masculino e a amiga a quem se perguntou por essa pessoa. Não sabemos se a amiga que perguntou estava preocupada, feliz, curiosa, temerosa, etc. Não sabemos como se sente a amiga a quem foi dirigida a pergunta. Na verdade, não sabemos quase nada e, por isso, só podemos mesmo entender que uma pessoa do sexo feminino se dirigiu a outra do mesmo sexo para perguntar se alguém do sexo masculino se dirigiu a um dado lugar no qual reside a pessoa do sexo feminino a quem foi feita a pergunta.

Portanto, entendemos a frase, mas não o enunciado e muito menos o todo desse enunciado (todo do enunciado é não só o dito, mas o que se quer dizer). Logo, sem conhecer o contexto, não podemos entender o sentido dos enunciados. Entender a significação de frases é fundamental, mas não nos ajuda muito. Como vimos, frases não entram em relação dialógica; apenas enunciados entram. E enunciados envolvem a língua, mas vão além dela.

Isso mostra a diferença entre a ADD e outras teorias do discurso: como os locutores e os enunciados entram em relações dialógicas, antes mesmo de começar a dizer alguma coisa, o locutor já pensa nas respostas que já ouviu ao que vai dizer ou no que já ouvir ser dito sobre isso (ou seja, em retrospectiva, para trás) e até tenta se antecipar ao que seu(s) interlocutor(es) podem vir a dizer (ou seja, de maneira prospectiva, para a frente).

Esse modo de ver as coisas vem da experiência de todos os dias: quando vamos falar com cada pessoa, com quem temos um tipo específico de relação, pensamos antes em como vamos falar. Para a ADD, a relação entre os interlocutores não se esgota na interação aqui e agora. Em vez disso, ela vai até o passado e o futuro, a toda uma experiência de cada interlocutor

um com o outro e com várias outras pessoas, remetendo às maneiras típicas de as pessoas se dirigirem umas às outras em cada situação, cada sociedade, cada época.

Resumindo: para a ADD, até mesmo na hora de pensar alguma coisa, o locutor já lembra do que seus interlocutores disseram, de quem são eles são e imagina, a partir disso, o que podem vir a dizer. Claro que eles não conseguem exatamente saber isso, mas a prática permite ir acertando mais. Com base nas coisas que sabem ou veem, elas adaptam o que dizem e o modo como dizem de acordo com a pessoa a quem dizem, com a situação em que dizem e com o que pretendem conseguir ao dizer.

Por isso a ADD diz que os enunciados são *constitutivos* de outros enunciados (assim como o outro é *constitutivo* do eu). Constitutivo no sentido de que todo enunciado constitui outros enunciados (porque cada novo enunciado entra em relação com os que há foram ditos e até com os que podem ser ditos), ou seja, serve para que outros enunciados sejam produzidos (assim como as outras pessoas servem para o eu de cada um ir se constituindo).

7. Para finalizar: princípios de análise da ADD

A ADD estuda a língua e o discurso. Suas propostas não esquecem a língua, mas se concentram no que está além da língua: o uso da linguagem no discurso, a enunciação, a interação como lugar em que nasce o sentido. Para analisar seu objeto, que é a interação, o intercâmbio verbal, a troca linguística, a ADD leva em conta as relações dialógicas (que envolve a presença das palavras dos outros naquilo que dizemos), as relações entre o sistema linguístico (estudado por Saussure, por exemplo) e o uso da língua ou linguagem (estudado pelo que a ADD chama de translinguística, que está além da linguística porque considera um objeto que não é o dessa disciplina, mas que incorpora o objeto dela).

Assim, a ADD trabalha com enunciados (discursos) realizados nas práticas de linguagem, não as frases de obras literárias. Por isso, a base da análise não é a gramática ou as significações da língua, mas o uso da língua no contexto. O trabalho envolve os enunciados reais, as formas dos enunciados (ou gêneros do discurso) e as significações na língua: todo enunciado é lido em termos de seu contexto social e histórico mais amplo, do gênero de que faz parte e dos recursos linguísticos que usa.

Podemos resumir a proposta de análise da Análise Dialógica do Discurso da seguinte maneira:

1. Partir de textos efetivamente produzidos.

Isso se traduz em recolher exemplares reais dos gêneros. Ao fazer isso, a ADD parte da linguagem em uso, em vez de da língua das gramáticas normativas, que é estática e trabalha só com frases, não com enunciados/discursos.

2. Verificar de que modo os sujeitos realizam interações com esses exemplares de gênero.

Isso se traduz em verificar a que propósitos enunciativos os textos servem, ou seja, que ações eles realizam (fazer um pedido ou dar uma ordem, por exemplo) de acordo com as relações entre os interlocutores (o motorista não multa o guarda; o acusado não julga o juiz) – ao menos em condições normais.

3. Examinar as formas linguísticas em sua significação habitual.

Isso se traduz em levar em conta que os gêneros, para criar seus sentidos, usam enunciados/discursos. Ao fazer isso, eles recorrem às significações que os dicionários registram, mas sua base não é essa. Os enunciados transformam as significações, de acordo com o contexto mais amplo, para criar seus sentidos. A transformação ocorre no contexto, na interação, nas relações entre os interlocutores.

Essa proposta não significa que não se considera a significação habitual das palavras, mas que a significação não é a base. A base são os enunciados concretos, reais, existentes, e sua produção de acordo com as formas de interação, os gêneros, etc. É a união entre significação e contexto, na enunciação, que cria o sentido dos enunciados. A expressividade, referencialidade e endereçabilidade são características dos enunciados e não de frases e palavras. Por isso, a unidade da ADD é o enunciado, o discurso, e não os textos, frases e palavras em si.

Uma análise da ADD envolve, para dar conta dos dois componentes considerados - a língua e a enunciação -, os seguintes passos: *descrever* o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas; *analisar* as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, *interpretar* que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo. O analista não se coloca na posição do interlocutor, porque não é o interlocutor dos exemplares que analisa. Ele deve, em vez disso, verificar qual é, e como se estabelece no

discurso, a relação entre locutores e interlocutores do exemplar analisado com base nos passos de descrição, análise e interpretação.

Esses passos metodológicos ajudam a dar a devida conta do objeto em análise, ao organizar o trabalho do analista. Evitam, assim, que ele se leia no texto em vez de ler o texto concreto que tem diante de si. Ao descrever, o analista “põe a mão na massa” e examina a materialidade de seu objeto, composto por uma parte linguística e uma parte enunciativa integradas; nesse passo, ele vê seu objeto. Ao analisar, ele adquire conhecimento sobre as relações entre as duas partes (língua e enunciação) no enunciado considerado em termos da intencionalidade do locutor diante de seu(s) interlocutor(es). Por fim, ao interpretar, ele reúne todos esses dados – a materialidade da língua e os elementos do ato de enunciação em suas relações num dado contexto envolvendo um tempo, um espaço e interlocutores – e, a partir disso, procura identificar os sentidos criados.

Claro que ele faz isso sem esgotar a análise, em termos de torná-la a única análise possível. Porque os sentidos não são iguais a um composto químico; eles são múltiplos e, de certo modo, inesgotáveis. Mas, em toda análise, e em todos os passos da análise, o analista precisa validar o que diz do objeto com as marcas, linguísticas (da língua) e enunciativas (da enunciação) que estão no próprio objeto. Disso vem a importância de não saltar para a interpretação antes de ter descrito e analisado o objeto em termos das relações entre suas dimensões micro e macro, que, unindo língua e ato de enunciação, produz sentidos.

Bibliografia

BAJTÍN, M. M. (1920-1924) **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores y otros escritos. Trad. e notas: Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR, 1997.

BAKHTIN, M. M. (1920-1974). **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. Nova edição com tradução a partir do russo. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de AuroraFornoni Bernardini [et. al]. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro:Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Texto completo da edição americana **Toward a philosophy of the act**. Translation and Notes by Vadim Liapunov. Edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov. Austin: University of

Texas Press, 1993. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/Bakhtin%20-%20Para%20uma%20filosofia%20do%20ato.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

Artigo recebido em: 28.01.2016

Artigo aprovado em: 14.06.2016